



DESLOCAMENTO IDENTITÁRIO E A IMPOSIÇÃO DE PODER FEMININO EM *QUARENTA DIAS* DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Danielle da Silva Leal

1 INTRODUÇÃO

O romance *Quarenta Dias* de Maria Valéria Rezende, publicado em 2014, apresenta a história da professora aposentada Alice, que se muda forçadamente para Porto Alegre, uma cidade desconhecida, de antemão, para ela. A personagem deixa sua cidade natal, João Pessoa, atendendo às insistências de sua única filha, Norinha. Contudo, após pouco tempo de mudança, Norinha e seu marido “anunciam” para Alice que irão morar fora do país, por pelo menos, seis meses. Tal fato mais do que inesperado e provisório causa consequências permanentes na vida da personagem.

A relação que Alice passa a ter com a nova cidade e, principalmente, consigo mesma é responsável por uma transformação identitária fundamental que se analisa neste trabalho. Sua interação, (re) afirmação e ressignificação estão marcadas na vida da personagem ao longo da narrativa. Considerar sua mudança de comportamento diante dessa cidade que não lhe pertence é aspecto relevante para enfatizar a situação provisória itinerária em que se encontra, resultando em descobertas íntimas.

Quarenta Dias apresenta uma narradora-personagem em busca de sua odisseia: encontrar Cícero - jovem da Paraíba que foi para Porto Alegre trabalhar em uma construtora, que não dá notícias para sua mãe e cuja fisionomia é desconhecida para Alice. A saga da aposentada desenvolve-se conforme há a descoberta detalhada da cidade e, ganha mais dramaticidade tendo em vista as condições de vida pelas quais se submete.

Essa aparente fuga da realidade traz a tona uma peculiaridade da personagem: quanto mais percorre os espaços públicos da cidade, mais se reconhece neles e nas pessoas que cruzam seu caminho. A relação do lugar com o processo de construção

de identidade de Alice faz-se intrínseco a ela, na medida em que o sujeito que percorre a cidade se (re)constrói a partir dela. Alice, enquanto mulher e moradora de rua, constitui-se como sujeito traduzido, que negocia com o espaço, resistindo ao caos urbano e às imposições inerentes a nossa sociedade patriarcal.

2 CONSTRUÇÃO DO DESLOCAMENTO IDENTITÁRIO DE ALICE

A personagem desloca-se pelas ruas desconhecidas de Porto Alegre, avançando por um território que não lhe pertence, tendo em vista sua condição social no início da narrativa, que a colocava em um patamar privilegiado e, sua trajetória como andarilha que se estabeleceu quando se lança na cidade. Sua nova trajetória a coloca em outro lugar de fala: caminha e descobre lugares, conhece pessoas e se impõe sobre um espaço urbano, majoritariamente masculino, que não a recebe, que a inviabiliza enquanto mulher e moradora de rua.

Em contraposição a essa invisibilidade, o fato de ser nordestina a aproxima de seus “iguais”, conforme adentra e apodera-se pela/da cidade:

Bateram à porta da cozinha, abri e entendi na hora, porque diante de mim estava uma mulata bonita, cheia de corpo, com um sorriso aberto. (...) ali também vinha de bem pra lá do Trópico de Capricórnio, brasileira feita eu! Milena era da Bahia.

(...)

Eu, no fundo contente de ter companhia da **minha própria espécie**. (grifo meu)

A personagem, ao apropriar-se cada vez mais da história de Cícero, abre caminho para o desconhecido, mergulhando na obscuridão do espaço. Acerca da viagem realizada pela personagem, Ianni (2003, p.31) afirma que:

À medida que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades.

(...)

Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. **No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa**. (grifo meu)

Octávio Ianni aponta que o deslocamento/ a viagem está relacionada com a identidade do indivíduo, que se ressignifica, se transfigura nesse processo. Assim, a viagem que faz parte da história da humanidade, seja ela real ou metafórica, configura-se como uma descoberta: do outro e do eu. Há a singularidade e

universalização dessa identidade. O autor afirma que “a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades.” (idem, p.14), considerando que ao deslocar-se, o indivíduo está em busca do desconhecido a fim de recriar a si próprio.

Em um primeiro momento, quando está no apartamento mobiliado por sua filha, a personagem Alice não se encontra, sente que não pertence àquele lugar e expõe tal fato no início do romance ao relembrar sua andança de quarenta dias pelas ruas de Porto Alegre:

(...) aquela sensação de existir solta, no meio do mundo, sem nenhuma determinação alheia, mas exposta a tudo, uma conquista dura, persistindo como se eu ainda estivesse na rua. (REZENDE, 2014, p.13)

O não pertencimento de Alice pode ser observado ao longo do romance, principalmente, quando se muda para a cidade desconhecida, vivendo uma vida totalmente alheia a sua:

Assumi, consciente e disciplinadamente, a atitude, que eu já vinha ensaiando havia algum tempo, do ET ingênuo sendo bem recebido por terráqueos benevolentes, muito maiores que ele. Eu continuava a encolher. Engoli, obediente, tudo que estava posto sobre a previsível mesa de pés de aço escovado e tampo de vidro num canto da sala: o chá, as torradas com um doce vermelho que aprendi, naquele momento, a chamar de chimia, a fatia de um queijo de coalho que eles disseram ser queijo serrano, muito especial, trazido de não sei onde por não sei quem. (idem, 2014, p.41, grifo meu)

Alice apresenta-se como a figura reconstruída do *flâneur* que, na pós-modernidade, constrói sua identidade complementando e acrescentando sua essência na cidade; cria-se uma terceira cidade, um outro espaço. Para ela, as ruas de Porto Alegre se mostram como entre – lugar, fato que é comprovado ao afirmar sobre sua trajetória: “quarenta dias de andanças ao léu”/ “urgência de voltar logo pra escapar da tentação de continuar em frente, pela rua, qualquer rua, retornar à maluquice dos meus quarenta dias de vagabundagem” (2014, p.45-46).

No tocante a essa problemática, Janet Paterson (2015) evidencia a questão do entre-lugar na constituição identitária do sujeito migrante:

O entre-lugar caracteriza, em primeiro lugar, a enunciação, geralmente na primeira pessoa: “Eu sou Outro”, “Eu sou estrangeiro – ou estrangeira”, “Eu sou exilada”, afirmarão não sem pesar muitos sujeitos migrantes. O que se deve ressaltar nessas afirmações é que o sujeito migrante se inscreve no discurso, evidenciando uma **identidade que se funda no duplo** – “eu sou

Outro”, na distância – “Eu sou estrangeiro”, na perda de posse identitária – “Eu sou exilada”. Nesses enunciados, tudo testemunha uma dolorosa clivagem identitária causada pela relação do sujeito com o espaço-tempo. (PATERSON, 2015, p.181, grifo meu).

O que se observa no romance é o estabelecimento da rua como entre-lugar que ajuda a compor o processo de reconstrução de identidade da personagem. O espaço urbano não é familiar para Alice inicialmente, nem totalmente desconhecido à medida que vai se apropriando dele. É perceptível que a sua relação com a cidade vai mudando pouco a pouco, de acordo com sua necessidade. Por mais que não haja pertencimento total, a personagem consegue “superar” aos poucos essa problemática.

O sentimento de não pertencimento se transforma em um encontro consigo mesma: Alice se vê andarilha, transeunte pela cidade, que deixa de ser desconhecida para ela, como pode ser verificado nos trechos abaixo:

Aquele “ela não tem casa” ficou ecoando no meu ouvido. Estava mesmo sem teto, a minha casa tinha sido desmanchada lá em João Pessoa, uma espécie de vergonha mistura com coragem. (REZENDE, 2014, p.165)

(...)

Atravessei o que faltava do parque até dar em outra avenida e vi a placa, que sorte! Av. João Pessoa. Achei primeiro que era de bom augúrio, mas logo me doeu a saudade, querendo voltar pra casa, minha verdadeira casa, que ali eu não tinha nenhuma, só um **pouso temporário, eu habitante provisória de agora em diante, pra sempre permanente**. (REZENDE, 2014, p.166, grifo meu)

Tendo em vista que a personagem negocia com esse terceiro espaço, ela se torna uma tradutora transcultural. Ela está em busca de sua identidade que é desconstruída na trajetória: “Eu me deixava levar pela correnteza das ruas de comércio” (idem, p.214) / “Dormi minha primeira noite ao relento, sem nada na cabeça, senão estrelas.” (apud, p.217).

A personagem Alice, ao percorrer os espaços urbanos, majoritariamente masculinos, supera uma “barreira” em relação aos valores de nossa sociedade patriarcal: circula em uma cidade que é território de segregação. Assim, tais deslocamentos podem ser vistos como resistência, considerando a situação de moradora de rua que a personagem vivie nos quarentas dias descritos na narrativa. Acerca do deslocamento e sua relação com espaço urbano, Regina Dalcastagnè (2012, p.120) aponta que:

Não há espaço, numa sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e sobretudo mascarada pelo *efeito de naturalização* que proporciona a inscrição das realidades sociais no mundo natural: as diferenças produzidas pela lógica histórica podem assim parecer surgidas da natureza das coisas.

Alice se coloca como voz ativa, que age e se impõe nesse cenário urbano caótico. Sua inserção no espaço configura-se como resistência a todos os modelos sociais impostos e, principalmente, a sua própria condição de migrante/transeunte que a coloca num lugar à margem. Maria Bernadette Porto (2010) afirma em relação à literatura e sua “função” de romper padrões:

Lugar de insubmissões por excelência, a literatura se confirma como um apelo à necessidade de se romper com itinerários pré-estabelecidos, de se sair dos trilhos da mesmice e de se investir nas migrâncias.
(...) A migrância corresponde à sensibilidade estética contemporânea, à liberdade de cortar, ainda que no plano imaginário, as amarras do pensamento único e redutor. (PORTO, 2010, p.83)

Ainda enfatizando a questão identitária, Alice apresenta-se negociando com o espaço urbano, passa a ser um sujeito traduzido, de subjetividade migrante. A personagem torna-se múltipla, assim como o espaço o é. Enquanto sujeito deslocado, o conceito de alteridade – ver-se o outro em si – marca sua trajetória. Ela se reconhece no outro ao longo de suas andanças pela cidade. Contudo, o início de processo se dá por meio da história da mãe de Cícero que não recebe notícias dele. Alice se vê nessa história, nesse drama que poderia ser seu.

Essa multiplicidade é marca das narrativas diaspóricas, consoante aponta Sandra Regina de Almeida (2015, p.55): “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas, provisórias e descentradas, transcendendo as fronteiras nacionais e tornando-se desterritorializadas.”

Nesse sentido, ela não só se identifica com a história, mas a toma para si. Sua vida a partir daquele momento gira em torno dessa busca. E, ao longo de seus deslocamentos, sua relação com as pessoas que encontra é o que lhe move e dá sentido para sua existência.

3 CORPO E CIDADE

Conforme aponta Sandra Regina de Almeida (2015), o espaço é lugar de multiplicidade, é a pluralidade que marca as trajetórias. Assim, a construção de identidade e subjetividade pode ser transformada, mas, sobretudo, em relação ao espaço, considerando que há “a reconfiguração e construção de espaços mais fluidos e variáveis, ressignificando as questões de gênero em um contexto marcadamente transnacional, uma vez que espaço, identidades e subjetividades estão intimamente conectados.” (ALMEIDA, 2015, p.37).

Enquanto transeunte, a personagem e seu próprio corpo inscrevem-se na descrição de sua trajetória, no próprio texto e na sua vida. Certeau (2001) considera sobre os caminantes que

jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entrelaçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, escapam à legibilidade. Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. (2001, p.171).

Para o autor, o espaço é “lugar praticado” pelos percursos que foram inseridos nele, assim percebe-se a oposição entre a cidade ideal e a real que é essencialmente símbolo da exclusão e da degradação humana; apresenta marcas de todos os problemas sociais inerentes a ela. A cidade, enquanto lugar de segregação, é espaço que se sobrepõe à personagem do romance que, em sua situação migrante, torna-se integrante do cenário urbano.

No processo de construção da diáspora, o sujeito deslocado “habita” o não-lugar. Em *Quarenta Dias*, a personagem se apropria das ruas de Porto Alegre, que deixam de ser desconhecidas para ela, transformando-se em propriedade de Alice. Esse espaço ganha significado e é reconstruído, a partir do momento em que uma mulher apodera-se dele.

A imposição de identidade feminina no espaço urbano é fundamental como processo de desconstrução da estrutura patriarcal dominante, como pode ser observado na narrativa através do corpo da personagem: ele é reflexo da cidade; é simbologia dessa representação com a cidade. A personagem que, no primeiro momento se

sentia estranha e desenraizada, “bicho estranho em terra estranha” (2014, p.105), constrói-se ao longo de sua trajetória como parte da cidade, passando a gostar da mesma: “taí uma coisa que eu estou gostando nesta cidade, é o longo entardecer com essa luz rasante pra fotógrafo nenhum botar defeito...” (idem, p.135).

Ao relatar sua experiência na rua, sua rotina para sobreviver na cidade, que deixa de ser desconhecida, a personagem constrói-se como constituinte do espaço urbano:

“vagando solta e sem bússola nenhuma, a não ser meu fugidio Cícero Araújo, tudo foi perdendo a nitidez, compasso, ritmo e só me deixou na memória uma longa procissão de rostos e dores e uma repetição do ciclo noite, onde me esconder?, onde dormir?, e dia, o que comer?, como me lavar? Interrompido, aqui e acolá, por cenas ou episódios tipo país das maravilhas cruéis.” (idem, p.157-158).

No processo de incorporação do espaço, Alice não tem pudores, deixa de cuidar de sua aparência para pensar exclusivamente em sua saga. Cuida minimamente de seu corpo, apenas enfatizando a importância das necessidades básicas que estão longe de serem luxuosas. Essa relação com seu corpo influencia sua relação com o espaço público e com as pessoas no seu caminho. A personagem ao perambular pela cidade, dormir na rodoviária e realizar refeições de forma precária, afirma-se como resistente àquele lugar que não lhe pertence.

Na rodoviária, o golpe final, o veredicto da máquina: Saldo insuficiente. Esmoreci de vez, sem banho, sem comida, rasgada, desmantelada, deixei-me cair em mais um banco, **indiferente aos olhares**, se é que alguém me via, cochilei e acordei mil vezes, saí pra rua tocada pela fome, a esmo, coragem nenhuma de pedir nas portas, de remexer no lixo, vendi no sebo meus livros novos de 1,99 pela quantia suficiente pra três cachorros-quentes, bebi água de torneira, mendigada em balcões de bares. **Já não tinha mais nada a perder.** (REZENDE, 2014, p.244, grifo meu).

Ela faz parte daquele cenário, não tem importância para as pessoas que passam por ela, como pode ser observado nos fragmentos: “integrando-me na paisagem dos sem-teto da cidade.” (idem, p. 218) / “fui aprendendo, ficando mais e mais igual a eles” (idem, p.237).

Não há destino para Alice. Andar pela cidade transforma-se em sua rotina, que não tem mais objetivo determinado e, que se assemelha a de muitas pessoas que moram na rua. A reflexão desse caminhar, sua situação provisória e nova identidade estão presentes em alguns momentos da narrativa:

Pra onde ir?, por enquanto, **pra lugar nenhum, continuar escondida ali, invisível entre os invisíveis** com suas garrafas térmicas e suas cuias de chimarrão, espiando, por todo o tempo que eu quisesse, aquele pedaço de mundo no qual tudo que a cidade quer esconder abre-se como um abscesso supurado. (2014, p. 150, grifo meu)

(...)

Aliviada, imaginei que haveria outro saguão pra passar a noite, se necessário, havia sombra de árvores (...) dispersiva como nunca achei que poderia me tornar, a professora Póli, sempre tão centrada, leitora disciplinada de capa a capa, diluindo-se rapidamente, azoeirada no **fluxo de movimento incessante, sem sentido, da cidade enorme e desconhecida**. (2014, p. 171, grifo meu)

(...)

E as **andanças sem fim** com objetivos mentirosos, nas quais eu mesma me esforçava a crer. (idem, p.213, grifo meu)

(...)

Várias vezes, porém, me reaparecia a necessidade de procurar por Cícero, **talvez apenas pra marcar compasso naquela andança fluida e dar-lhe de novo algum sentido**. (idem, p.214, grifo meu)

A diáspora, enquanto movimento predominantemente masculino, é desconstruída por Alice. A personagem percorre a cidade sem rumo, sem destino prévio e se destaca nesse deslocamento, como poder ser observado nos momentos em que afirma que sua andança não tem fim. Contudo, a cidade insere Alice como parte dela, e essa incorporação revela muito sobre o espaço urbano, o que ressalta seu caráter excludente e patriarcal.

O que se constata é que a cidade se impõe sobre a personagem, marca-se claramente como território de segregação. Esse espaço é domínio de poucos, como lembra Dalcastagnè (2012, p.120) ao citar Bourdieu (2016): “as imposições mudas dos espaços arquitetônicos se dirigem diretamente ao corpo, obtendo dele a reverência e o respeito que nascem do distanciamento”. A cidade não é exaltada, pelo contrário, é marca de distanciamento entre classes, entre homens e mulheres.

Em *Quarenta Dias*, a construção do espaço urbano relaciona-se com a própria personagem, considerando que Alice domina a cidade. Por mais que não alcance o sentimento de pertencimento no final do romance, ela passa a conhecer as ruas, inclui-se na nela, se impõe. Essa apropriação faz-se presente na narrativa de Rezende como ponto importante a ser discutido nas narrativas, sobretudo femininas, em que a visão da mulher e sua posição no espaço precisam ser ressignificadas.

4 CONCLUSÃO

O enfoque do presente trabalho deu-se na narrativa contemporânea *Quarenta Dias*, visando à personagem Alice como uma mulher que se apropria de sua própria trajetória. Apesar de ser provisória, itinerante, ela mostra-se à frente de tudo o que vê e de tudo o que passa nesses quarenta dias de andança sem rumo.

Ela se apropria de uma história que dá sentido à sua vida. Vive esses dias a esmo, à procura de um jovem nordestino que não conhece e tampouco sabe o que aconteceu com ele de verdade. Desconhecê-lo torna sua busca ainda mais intensa e dramática, tendo em vista que essa narrativa ganha detalhes e uma carga emocional que conecta Alice a essa mãe em angústia.

Andar pela cidade, conhecer pessoas, e, principalmente, se conhecer, conforme os dias correm, são aspectos centrais que afetam a vida da professora aposentada. Sua migração forçada para Porto Alegre ganha outro sentido a partir do momento em que se lança nas ruas, em princípio desconhecidas, e se constrói dia a dia por meio de sua imposição ao espaço.

Conforme ela conhece a cidade e as pessoas, a odisseia de procurar por Cícero se transforma em pano de fundo: Alice passa a buscar sua própria identidade. Essa busca, ao longo de seus deslocamentos, ressignifica a personagem, a torna outra Alice, completamente diferente daquela do início de sua história.

A construção dessa identidade migrante passa por um processo de interação com as pessoas que encontra no caminho, tornando-se fator resultante da relação com o outro. Ela é múltipla, é um sujeito traduzido que foi ressignificado por olhar o outro e se reconhecer, pela alteridade que marca sua vida após aqueles quarenta dias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Cartografias contemporâneas. Espaço, corpo, escrita**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**. Um território contestado. Vinhedo: Ed. Horizonte; Rio de Janeiro: EdUERJ, p.120-124 2012.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: _____. **Enigmas da modernidade-mundo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 11-31.

PATERSON, Janet M. Figures de l'Autre dans Le Roman québécois. Québec: Nota bene, 2004. Trad por Patrícia C. R. Reuillard: **O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional**. Letras de hoje, Porto Alegre, v.59, n.2, p.179-184, abr.-jun. 2015.

PORTO, Maria Bernadette. Circulações urbanas. In: BERND, Zilá. **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, p.82-83, 2010.

REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta dias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.